

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

ALICE CRISTINA DA SILVA

A TRADIÇÃO ORAL DO CANDOMBLÉ

**JUIZ DE FORA
2017
ALICE CRISTINA DA SILVA**

A TRADIÇÃO ORAL DO CANDOMBLÉ

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-
graduação em Religiões e
Religiosidades Afro-Brasileira: Política
de Igualdade Racial em Ambiente
Escolar da Universidade Federal de
Juiz de Fora, sob orientação do
professor do professor Dr. Volney
Berkenbrock.**

**JUIZ DE FORA
2017**

Alice Cristina da Silva

A TRADIÇÃO ORAL DO CANDOMBLÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista na área de Religiões e Religiosidades Afro-brasileiras: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Dr. Volney Berkenbrock – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Robert Daibert Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O objetivo deste trabalho é a análise da importância da oralidade para a religião do candomblé, bem como, verificar de que forma ocorre esse processo de transmissão e manutenção do saber entre gerações de fiéis. A palavra, o som, a memória adquirem uma concepção de destaque na religião que dissemina a base de seu conhecimento através da fala, da sabedoria repassada oralmente, concretizando-a através da experiência. Os ritos, os mitos, a oralidade assim como o culto aos orixás, vindos da África, permanecem no Brasil, mantendo a sua tradição em uma busca eterna pelas origens. Para verificar como ocorre a divulgação do saber e a preservação da tradição, foram realizadas entrevistas com personalidades do

Candomblé da cidade de Barbacena/MG. O depoimento do religioso demonstra uma necessidade em se manter a oralidade como principal forma de transmissão do saber e como forma de manutenção do culto aos orixás.

Palavras-chaves: Oralidade. Candomblé. Barbacena. Tradição.

ABSTRACT

The aim of the present work is to analyze the importance of the orality to the Candomblé religion, and to verify how this process of transmission and maintenance of knowledge occurs between generations of believers. Word, sound and memory acquire a conception of prominence in religion, which disseminates the basis of their knowledge through speech and the wisdom passed on orally, concretizing it through experience. Rituals, myths and orality, as well as the worship of the orixás from Africa, remain in Brazil, keeping their tradition in an eternal search for origins. In order to verify how the dissemination of knowledge and the preservation of tradition occur, interviews were conducted with personalities of the Candomblé of the city of Barbacena / MG. The testimony of the religious shows a need to maintain orality as

the main form of transmission of knowledge and as a form of maintenance of the worship of the orixás

Keywords: Orality. Candomblé. Barbacena. Tradition.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	07
2. A ORALIDADE NO CANDOMBLÉ-----	10
2.1 – A Tradição Oral-----	11
2.2 - A Palavra-----	13

2.3 - A Memória-----	15
3. A FALA DO FIEL -----	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS-----	28
6. APÊNDICE A-----	30
7. APÊNDICE B-----	34

1 - INTRODUÇÃO

As religiões afro-brasileiras mantêm a tradição de transmitir sua religiosidade, através da oralidade, diferindo de outras religiões de tradição escrita, nas quais a constituição da estrutura religiosa é fortemente baseada em um livro sagrado. É importante ressaltar, que o fato de uma religião ser tradicionalmente oral, não quer dizer que não haja livros e escritos, e sim, que não existe a obrigatoriedade de seguir/consultar um livro sagrado, uma vez que a tradição é transmitida de indivíduo para indivíduo. O fiel é o principal responsável por conhecer e manter as tradições, através dos mitos que são contados, da prática de rituais e a todo o tempo, a transmissão do saber oral.

Dentro deste contexto, o candomblé surge como uma religião iniciática, de tradição oral, trazida pelos negros durante a época da escravidão que sobrevive até hoje, tendo se expandido a partir do nordeste para todo o país, adquirindo outras formas e características de acordo com as interferências e particularidades de cada região.

Seu sistema de crenças é baseado nos mitos e ritos, oralmente mantidos e transmitidos. Os mitos são conhecidos como Itans e são capazes de narrar as experiências e os sentimentos de seus fiéis, mais do que contar a história de determinado tema religioso, o Itan é capaz de interpretar o sentimento experimentado. Já os ritos são a forma de experimentação do mito, tornar possível a realidade religiosa em que se acredita. A transmissão oral é o que interliga indivíduo e comunidade, a experiência dos que já vivenciaram a religião e seus segredos são transmitidos oralmente para cada fiel, todo o processo de iniciação é um aprendizado de ouvir e falar, o sentir a religião; sendo o principal elo entre a comunidade que compartilha dos seus ensinamentos, sua cultura.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o conceito e a importância da oralidade no candomblé. As discussões serão baseadas nos materiais e artigos disponíveis, por meio de uma revisão da literatura, seguido por uma pesquisa de campo com entrevista a pais e mães de santo da cidade de Barbacena/MG. Para tanto, propõe-se a observar a transmissão dos saberes do

Candomblé à região, adentrando-se principalmente os terreiros de tradição originalmente umbandista que começaram a realizar práticas de Candomblé.

Logo, a proposta do trabalho é responder como essa religião afro-brasileira, tradicionalmente presente no nordeste brasileiro chega ao sudeste na região de pesquisa. Como ocorre a transmissão do saber aos pais e mães de santo da região e de que forma eles repassam esses ensinamentos aos seus fiéis.

O objetivo geral do trabalho é analisar a tradição oral do candomblé dentro do contexto da cidade de Barbacena, para tanto se propõe identificar as discussões disponíveis em artigos e materiais, sobre a questão da oralidade e sua importância para o candomblé. Contextualizar a tradição do Candomblé na localidade, dentro das práticas de religiões afro-brasileiras, investigar através da entrevista a pais e mães de santo, de que forma os ensinamentos do candomblé foram transmitidos e são repassados a seus fiéis.

A importância deste trabalho se reflete em investigar de que forma o candomblé sobrevive e é repassado a fiéis de diferentes regiões. Compreender o conceito de oralidade; verificar como essa tradição oral se perpetua até os dias de hoje, de que forma foi se construindo a tradição religiosa local, buscando identificar e valorizar a cultura religiosa, a influência africana nas expressões religiosas capaz de ultrapassar gerações.

Para realização do trabalho, primeiramente, será feito uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de tradição oral, no intuito de introduzir o estudo e apresentar suas características, além de proporcionar o material de apoio às entrevistas que serão realizadas na pesquisa de campo nos terreiros. Após a entrevista, será realizada a conclusão do trabalho na qual se pretende responder às perguntas propostas anteriormente.

Para isto, o texto será composto de dois capítulos. O primeiro capítulo irá abordar o conceito da oralidade e sua importância para as religiões africanas. O segundo capítulo se desenvolverá com as entrevistas realizadas apresentando o resultado obtido com as perguntas que serão direcionadas para o contexto da

tradição do saber oral. E por último, a conclusão a respeito do tema diante da análise da bibliografia existente.

2. A ORALIDADE NO CANDOMBLÉ

Embora muito já tenha sido escrito sobre o candomblé, especialmente pesquisas acerca do universo candomblecista, e os próprios membros da religião tenham registrado algumas de suas tradições através da escrita, grande parte do candomblé permanece na palavra falada; na transmissão de indivíduo para indivíduo.

A religião dos Orixás chegou ao Brasil juntamente com os escravos yorubá e sua cultura. Digo religião dos orixás, porque tal religião foi obtendo nomes diferentes

de acordo com a região em que se desenvolveu e com seu processo cultural. Por exemplo, temos o Candomblé na Bahia, o Batuque no Rio Grande do Sul e o Xangô em Pernambuco, dentre outros, que tem como base principal, o culto aos orixás. As relações entre diferentes povos e culturas convivendo sobre o território brasileiro permitiram a construção das religiões afro-brasileiras.

O candomblé teve sua formação no início do século XIX, a partir da tradição religiosa do povo yorubá, ou nagôs com influência dos grupos fons. “Foram principalmente os candomblés baianos das nações queto (yorubá) e angola (banto) que mais se propagaram pelo Brasil, podendo hoje ser encontrados em toda parte.” (Prandi, 2001, p. 44).

De acordo com Berkenbrock:

A cosmovisão religiosa do Candomblé é fortemente influenciada pela concepção de mundo na tradição Yorubá. Esta tradição é muito complexa e não uniforme, quer dizer, há um sem número de variações e não há nenhuma instância que sirva de medida diretriz para o todo. Uma visão unitária básica do mundo é, porém, compartilhada por todos os grupos. (Berkenbrock, 2007, p. 179-180).

Essa cosmovisão religiosa vinda com os negros yorubanos foi repassada entre gerações ao longo do tempo, através da oralidade. O processo de aprendizado e iniciação no Candomblé ocorre basicamente pela a experiência. “A transmissão na Tradição Oral não é um processo simplista que se resume a fala, mas um sistema complexo que a integra não como fonte absoluta, mas como um dos fatores que a compõem.” (RIVAS, 2013, p.81).

Desta forma, este texto apresenta algumas questões que devem ser refletidas sobre a tradição oral no candomblé antes de se iniciar as entrevistas com os pais e mães de santo, conforme proposto na introdução. Num primeiro momento, o trabalho irá abordar a própria questão sobre o que caracteriza uma tradição oral, no segundo momento a importância da palavra dentro da oralidade e por último o papel da memória na manutenção e construção desta tradição.

2.1 A Tradição Oral

Como podemos verificar no caso do Brasil, a tradição oral se faz presente tanto em culturas sem escrita, quanto em culturas escritas, podendo ser resgatada através da metodologia de história oral. Muitas religiões afro-brasileiras, apesar de inseridas em um contexto sócio cultural baseado na escrita, mantiveram a tradição da oralidade na construção e ensino de suas práticas. A manutenção da tradição é uma forma de continuação e legitimação do passado, restabelecendo os laços com as suas raízes africanas. Para Jan Vansina:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra. (VANSINA, 1982, p.157).

Assim, em um terreiro de Candomblé todo o processo de iniciação passa pelo ritual da fala, que é transmitido principalmente pela mãe de santo ou pai de santo responsável. O conhecimento é compartilhado, de indivíduo para indivíduo, sempre buscando preservar a coletividade. A tradição oral é mantida através da participação de cada fiel que se torna o único responsável por conhecer e repassar os ensinamentos religiosos, não há um livro sagrado com os ensinamentos e sim o conhecimento de cada um, que é compartilhado, experimentado, através dos ritos, mitos e da oralidade.

Numa tradição religiosa como a cristã ou a muçulmana, o escrito sagrado tem a autoridade teológica máxima. E cada crente pode recorrer diretamente a estas fontes, passando ao largo dos outros crentes. No Candomblé não existe este lugar de autoridade religiosa que não o crente. E o conhecimento religioso que cada fiel adquire na comunidade religiosa, através dos mitos, ritos, símbolos para poder interpretar a sua experiência religiosa só pode ser acessado através do outro crente concreto. Não é possível passar ao largo dele e acessar alguma outra fonte. Ele, fiel concreto, é a fonte de conhecimento. Ele é a autoridade teológica competente na conservação e transmissão do conhecimento. A oralidade tem, pois uma lógica diversa da das tradições escritas e nela o indivíduo que crê tem uma importância teológica fundamental: ele é fonte religiosa. (BERKENBROCK, 2016).

Logo, a tradição oral é uma forma de legitimar a fala do fiel. Dizer que uma religião possui uma tradição, inclui uma questão histórica de construção e validação do passado, do saber antigo. Segundo Capone (2004, p.256): “Quem possui uma tradição possui um passado, uma continuidade histórica que o metamorfoseia em sujeito de sua própria história: afirmar sua tradicionalidade equivale a se distinguir dos outros, aqueles que não têm mais identidade definida.”

A questão da tradição é, pois, muito complexa, uma vez que não se trata apenas de elementos determinados de uma cultura que se mantém ao longo do tempo; Estes elementos interagem entre si de tal forma que a mudança está sempre presente na tradição. Trata-se de uma interação entre presente e passado, uma forma de manutenção do passado pelo olhar marcado pelo presente. Tal caráter faz com que a tradição seja sempre reinventada, estabelecendo a construção de identidade de um grupo, seus limites e suas especificidades, que lhes diferenciam dos demais.

A oralidade é, portanto, uma forma de transmitir essa tradição, uma vez que não há uma preocupação em se escrever essa tradição, mas antes, em contá-la ao seu fiel, utilizando a palavra falada como principal veículo de manutenção da tradição, de justificação e reconhecimento do contínuo processo de construção de uma identidade religiosa.

2.2 A palavra

A oralidade se faz presente na cultura Nagô e em muitas outras culturas africanas, que têm como costume a valorização da palavra. Diferente das sociedades escritas, para os Yorubás, a palavra, no contexto religioso, ganha poder ao ser pronunciado, passando neste momento a ser única. Ela é carregada pelo hálito, conduz o axé, a força vital. Segundo Santos:

Se a palavra adquire tal poder de ação é porque ela está impregnada de axé pronunciada com o hálito - veículo existencial - com a saliva, a temperatura; é a palavra soprada, vivida e acompanhada das modulações, da carga emocional, da história pessoal e do poder daquele que a profere. (SANTOS, 2012, p.48).

Assim, o axé é a força que garante a existência dinâmica, um poder dado aos homens pelos orixás, que pode ser compartilhado através do ritual no candomblé. “Quanto mais o axé daquele que o transmite é poderoso, mais as palavras proferidas são atuantes e mais ativos os elementos que o manipula.” (Santos, 2012, p. 48).

Nas culturas ditas orais, a interpretação das palavras enquanto som faz com que a sua pronúncia seja associada ao poder mágico. A palavra, uma vez proferida, é esvaziada de todo o seu sentido e não tem mais razão de existir. O som tem o poder de determinar, não só o tempo de duração, mas também, de permitir que o que é falado se torne real e palpável na medida em que é pronunciado. Desta forma, não há uma preocupação em se registrar o que foi dito, uma vez que seria aprisionar uma palavra, perdendo o efeito mágico do instante em que foi dito, congelando-a no tempo e esvaindo-a de seu hálito original.

O fato de os povos orais comumente - e muito provavelmente em todo o mundo - julgarem as palavras dotadas de uma potencialidade mágica está estreitamente ligado, pelo menos inconscientemente, a sua percepção da palavra como necessariamente falada, proferida e, portanto, dotada de um poder. (WONG, 1998, p. 43)

Dentro deste contexto, a palavra se torna dinâmica, uma vez que está diretamente ligada a outros fatores como gestos e expressões corporais. Ela é sempre produzida no nível individual, e torna-se importante na medida em que se transforma em som, sendo parte importante do ritual de iniciação no candomblé:

...no ciclo de iniciação da noviça, um dos ritos de fundamento é o de “abrir a fala”, que consiste em colocar um axé especial na boca e sobre a língua da yiawo, que permitirá à voz do orixá se manifestar durante a possessão. O orixá emitirá um grito ou som particular que o caracterizará, conhecido sob o nome de ké. (SANTOS, 2012, p. 49)

A oralidade primária foi por muito tempo um traço característico de culturas africanas, conforme nos aponta Prandi (2001, p.53): “Os yorubás só conheceram a escrita com a chegada dos europeus.” Assim, todo o conhecimento tradicional

religioso transmitido pelos negros escravos no Brasil, tinha como principal e única fonte de conhecimento a oralidade. Mesmo com o passar dos anos e o processo de inserção da palavra escrita e alfabetização, o processo de conhecimento e valorização da palavra falada se faz presente, permanecendo a visão bem diferenciada das culturas que se baseiam na palavra escrita.

De acordo com Wong a oralidade se divide em primária e secundária:

...designo como “oralidade primária” a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. É “primária” por oposição à “oralidade secundária” da atual cultura de alta tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. (WONG, 1998, p. 19)

A oralidade é o princípio da comunicação entre povos, é a base que proporcionou a criação da escrita. “A expressão oral pode existir - e na maioria das vezes existiu - sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade” (WONG, 1998, p.16). Assim, oralidade tem a função de preservar o conhecimento ao longo dos tempos e mesmo com a interação com outros povos de tradição escrita, o candomblé ainda tem como uma das principais bases de sua construção teológica, a oralidade.

Portanto, toda a tradição do candomblé perpassa pela memória do indivíduo que tem a função de manter e compartilhar todo o conhecimento religioso. O homem enquanto sujeito histórico é capaz de criar, recriar, impedir e construir acontecimentos e mudanças. A história é reconstruída a todo o momento, concerne à memória o poder de retê-la e recriá-la.

2.3 A Memória

A memória possui uma conotação religiosa no candomblé, uma vez que ela abriga todo o conhecimento aprendido e experimentado. As casas de culto também vão adquirindo mais valor conforme sua antiguidade, seu vínculo com o passado, o respeito pela memória dos frequentadores, que mantêm a tradição, além dos valores

que são compartilhados ao longo do tempo. A própria memória individual possui mais valor na figura do senhor mais velho, o ancião que detêm mais sabedoria e pode sempre ser consultado segundo a tradição de algumas culturas africanas.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (POULET, 1992, p. 54-55 apud DELGADO, 2010, p. 37).

Desta forma, as narrativas ensinadas pelos pais e mães de santo permitem a preservação e a transmissão dos saberes aos filhos do terreiro. As narrativas são responsáveis pela construção da tradição oral, pela construção da cosmovisão do universo candomblecista. Conforme nos aponta Delgado:

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Têm natureza dinâmica e, como gênero específico do discurso, integram a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensão temporal tem na experiência sua principal fonte... (DELGADO, 2010, p. 43)

A base do candomblé está na experimentação da religião, pois somente através da experiência é que se pode obter a relação com o sagrado. Todo o processo de iniciação, e a transmissão do saber, dentro do terreiro só é capaz de ser absorvida, pelo fiel, por meio da experiência. Assim, as narrativas, contribuem diretamente para o processo religioso:

Se a experiência é a fonte absoluta para cada fiel, ele encontra nas narrativas, elementos a partir dos quais pode interpretar o experimentado. Três são as principais linguagens utilizadas para narrar estas experiências no candomblé: os mitos, os ritos e os símbolos. Mesmo usando de linguagens diferentes, estes três tipos de narrativas tem uma função basicamente ordenadora nos sistemas religiosos afro-brasileiros: eles apontam, norteiam para pontos a partir dos quais o fiel é ajudado a construir o seu mundo (a sua ordem, o seu cosmos) interpretativo. (BERKENBROCK, 2016)

Entre as narrativas, os mitos são uma forma de linguagem que visa à transmissão do saber; mesmo com a transcrição de alguns mitos por estudiosos, sua construção e transmissão permanecem através da oralidade. A tradição oral recorre, a todo o momento, à memória, por vezes através de um mito, de um passado, como forma de legitimação e construção de suas raízes. Os Itans (mitos Yorubás) traduzem a experiência, a preservação e construção dessa memória capaz de retratar o passado.

Já há muito não mais se entende os mitos como fábulas ou histórias inventadas pela mente primitiva. O mito é uma forma específica de linguagem adequada à transmissão de certos tipos de conhecimentos. O mito narra, conta, exprime uma verdade do espírito na forma de história. Sua função não está em conservar informações de alguma história ou personagem, mas sim de narrar verdades sentidas. (BERKENBROCK, 2016)

Assim, a memória possui grande importância no contexto de culturas orais, uma vez que além de atuar como fonte de conhecimento, é vista por muitos, como lembrança de um passado que realmente existiu. Como nos aponta Prandi:

Para os iorubás e outros povos africanos, antes do contato com a cultura europeia, os acontecimentos do passado estão vivos nos mitos, que falam de grandes acontecimentos, atos heroicos, descobertas e toda sorte de eventos dos quais a vida presente seria a continuação. (PRANDI, 2001, p.48)

De acordo com Wong (1998, p. 70): “é preciso observar que a memória oral difere significativamente da memória textual pelo fato de a memória oral possuir um componente altamente somático”. A memória não está livre de interferências, e por vezes pode se adequar à pergunta realizada, ao contexto em que se encontra.

A memória é a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família. (DELGADO, 2010, p. 38)

Conseqüentemente, muitos fiéis do candomblé compartilham da mesma memória coletiva de pertencimento a uma determinada nação. Segundo Prandi:

Esse passado remoto, de narrativa mítica, é coletivo e fala do povo como um todo. Passado de geração a geração, por meio da oralidade, é ele que dá o sentido geral da vida para todos e fornece a identidade grupal e os valores e normas essenciais para a ação naquela sociedade, confundindo-se plenamente com a religião. O tempo cíclico é o tempo da natureza, o tempo reversível, e também o tempo da memória, que não se perde, mas se repõe. (PRANDI, 2001, p.49)

Logo, todos esses processos de construção e preservação da memória, seja através dos mitos, das narrativas, dos ritos, dentre outros, colaboram para a manutenção da tradição do candomblé, a construção de uma tradição e a manutenção de uma memória coletiva, sempre tendo como principal método de transmissão a oralidade.

3. A FALA DO FIEL

Com objetivo de melhor compreensão da importância da tradição oral em terreiros de Candomblé foram realizadas as entrevistas, conforme proposto na metodologia. Durante o trabalho de campo, foi possível verificar que em Barbacena existem, atualmente, duas casas de Candomblé, nas quais foram realizadas as entrevistas com a mãe de santo e o zelador de santo, responsáveis pelos terreiros. Por questões metodológicas, durante o trabalho optei por não identificar os entrevistados, sendo que eles optaram por serem nomeados como Mãe de Santo e Zelador de Santo, de acordo com sua posição no terreiro. Como podemos verificar, a transmissão do saber e aprendizado no Candomblé passam pela oralidade, uma vez que, a palavra, o som e a memória são os principais detentores do conhecimento religioso. Para aprender, é necessário ouvir, conforme nos demonstra Previtalli:

Diferente do aprendizado cartesiano, em que a curiosidade é prerrogativa para o aprendizado e perguntar a fim de obter respostas faz parte da possibilidade em definir e organizar as categorias, no candomblé primeiro aprende-se a ouvir, para depois poder falar. A palavra tem força e por ser concebida como um divino é sagrado, portanto deve ser proferida com sabedoria. (PREVITALLI, 2014, p. 71)

Logo, é possível verificar uma preocupação com a manutenção da tradição, dos ensinamentos a serem repassados oralmente, principalmente, como forma de preservação do segredo que só é transmitido diante do amadurecimento do fiel. Também é possível identificar na fala dos fiéis a relação entre a palavra e o sagrado e sua importância no contexto candomblecista. Segundo Wong, tal influência da palavra ocorre na maioria das religiões, mesmo naquelas que têm como base a escritura:

Na maioria das religiões, a palavra falada exerce uma função fundamental na vida cerimonial e devota. Eventualmente, nas religiões mundiais mais abrangentes, produzem-se textos sagrados nos quais o sentido do sagrado está igualmente ligado à palavra escrita. No entanto, uma tradição religiosa apoiada em textos pode continuar a legitimar a primazia do oral de muitas maneiras. Na cristandade, por exemplo, a Bíblia é lida em voz alta em cerimônias litúrgicas, pois sempre se pensa em Deus “falando” a seres humanos, não escrevendo para eles. (WONG, 1998, p. 88-89)

Dessa forma, o presente trabalho recorre à oralidade (memória) como fundamento metodológico no intuito de auxiliar uma melhor compreensão quanto aos elementos característicos da transmissão oral.

Ao longo do depoimento da mãe de santo, é possível verificar a valorização do estudo, do aprendizado, que segundo ela foi um dos motivos que a levou a deixar a Umbanda para ser iniciada no Candomblé.

A diferença da umbanda e do candomblé é o seguinte: Na umbanda, são as entidades que dão os passes, são as entidades que tratam de você (Os pretos velhos, os caboclos e as crianças). É a inocência das crianças, a sabedoria dos pretos velhos e a força dos caboclos. Quando se passa pro Candomblé você aprende a fazer, então você tem que estudar, você tem que aprender e se preparar. Você passa por muitos ensinamentos, por muitos momentos de reclusão, você fica recolhida realmente do mundo e das pessoas. Você tem os recolhimentos pra passar por uma purificação, para passar pelo ensinamento, depois passar pela sabatina e pra você aprender pra fazer se gasta no mínimo sete anos. Porque é o jogo de búzios aonde você vai identificar o que uma pessoa tem, depois do jogo de búzios você vai ver o que vai fazer pra ajudar essa pessoa pra depois você estar fazendo. Então é uma preparação mais longa. Eu comecei na umbanda, e depois eu tive uma cobrança de estar me aprofundando mais e de poder saber mais pra ajudar mais. Então foi assim que eu fui. (Mãe de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

A mãe de santo compartilhou sobre o seu processo de iniciação e aprendizado que ocorreu em um terreiro na cidade de Juiz de Fora/MG.

...eu fui iniciada em Juiz de Fora. Fiquei reclusa em 21 dias. Fiz a cabeça. Realmente é renascer, mas o que acontece você abdica de toda e qualquer vaidade. Então não é só raspar a cabeça, você fica... Você não tem vaidade com creme, com nada, você só tem aquele sabão neutro, você não tem cabelo, você tem uma simples comida (farta, o candomblé é muito farto, mas tudo muito simples), mas pra te ensinar o que? Ali você aprende muita coisa, você dorme num ambiente, numa decisa fininha, mas ali faz você pensar muita coisa, por exemplo, eu estou dormindo nessa decisa fina porque eu escolhi assim, mas tem pessoas que estão na rua e vão dormir a vida inteira em um jornal. Eu estou sem o cabelo porque eu escolhi ou então

estou fazendo esse sacrifício por conta do meu Orixá, mas tem pessoas que estão perdendo o cabelo por doença. Então faz você se colocar no lugar do próximo, então você se torna uma pessoa melhor. (Mãe de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

Ao ser questionada se durante esse tempo ela teve algum acesso a um livro, apostila, ela me respondeu que durante esse período só tinha acesso ao Pai de Santo e as pessoas que estavam preparadas para estarem com ela. Havia apenas um caderno, onde ela poderia anotar o que era ensinado, trata-se de algo que não podia ser divulgado. As palavras faladas eram muitas vezes repetidas, a fim de ajudar no processo de memorização. Segundo Santos;

O oral está a serviço da transmissão dinâmica. Há textos apropriados para cada circunstância ritual, sempre transmitidos no nível das relações interpessoais concretas. Um vasto conjunto de textos é transmitido e aprendido de maneira iniciática. Tanto maior é o acúmulo de conhecimentos quanto maior é a experiência ritual. (SANTOS, 2012, p.51)

Assim, a tradição repassada oralmente é recebida através da experiência do fiel. A fala é vista como um segredo que só pode ser contado de acordo com o amadurecimento do iniciado, ou seja, somente através da experiência é possível amadurecer o suficiente para se ter acesso ao conhecimento, ao segredo: “Porque o candomblé é feito de muito segredo, a gente preserva muito esse segredo, isso que estou falando pra você, é o que eu posso falar. Mas o encanto, tudo é segredo.” (Mãe de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistador: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

Neste sentido, a escrita seria uma forma de revelar o segredo, possibilitando o acesso às pessoas que poderiam não estar preparadas para lidar com o aprendizado. Isto seria uma necessidade prática em se manter a tradição oral, além das questões religiosas, já apresentadas, porque ao falar, o responsável pela fala pode determinar quem terá acesso à informação, escolhendo seus ouvintes, determinando quem deve ouvir e o que pode ouvir. Ele pode se certificar da maturidade da pessoa em compreender determinado assunto, bem como a sua capacidade em manter o segredo. Diferente de um texto divulgado onde qualquer

pessoa poderia ter acesso, com uma facilidade maior, sem preocupação com a manutenção da tradição.

A entrevistada afirma que ao registrar, de forma escrita, aquilo que deveria ser repassado oralmente, os ensinamentos acabam se perdendo, realizando uma divulgação contrária ao que é pregado pela religião, pois nem todos estariam preparados para receber determinado conhecimento.

Muitas pessoas às vezes expõem muitas coisas, mas isso não é certo. A gente tem achado muitas coisas na internet, a gente tem achado muitas fotos de coisa que não pode, de coisas sagradas pra gente, muitas pessoas tem se perdido muito aí, entendeu? Mas não se deve. É porque a gente só te dá o que a gente tem. Então você só vai saber o que acontece com 7 anos quando você tiver 7. Você tem que ir se preparando, se você levou 7 anos pra ter aquilo ali, porque você vai dar pra uma que tem 1 (ano)? É realmente uma iniciação e a gente não deve passar os carros na frente dos bois. A gente deve ir aprendendo cada coisa a seu tempo. É a mesma coisa se você quiser que um adolescente de 14 anos tenha o conhecimento de 21 anos. Ele não vai fazer direito, porque ele não tem aquela maturidade. Então a gente faz isso. E tem muita coisa na internet, muita coisa errada, muita distorção, e também acho que por isso a gente tá sendo muito condenado. Da maneira que está sendo mostrado. (Mãe de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

A segunda entrevista foi realizada com o Zelador de Santo que prefere ser referido como Zelador ao invés de Pai de Santo, pois, em sua nação eles se referem desta forma. O conhecimento também foi um dos motivos que o levou a iniciação no Candomblé na cidade de Barbacena, em 1978. Questionei então se seria a primeira casa de Candomblé da cidade e ele me respondeu o seguinte:

Uma das primeiras, inclusive, o zelador de santo (porque as pessoas denominam pai de santo. Eu, a nossa nação, por exemplo, nós não admitimos pai de santo não, santo não tem pai, nós falamos zeladores). Então o meu zelador que me iniciou já é falecido. Mas eu só iniciei com ele, que ele era de Jeje-Nagô, e eu queria expandir mais, queria ter mais conhecimento e Jeje Nagô era muito restrito. Eu precisava de uma coisa bem aberta, eu queria entender porque tudo isso... Tem que ter uma lógica, aí eu fui para casa de Divino de Bessem, no Rio de Janeiro, que é Jeje Savalu, aí eu tomei obrigação lá de sete anos, tomei obrigação de 14 anos. (Zelador de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

O Zelador também relatou a importância da tradição oral para o candomblé.

Oralmente, você não tem nada escrito lá, as rezas são todas em yorubá, as cantigas são todas yorubás e isso é um eterno aprendizado que você vai aprendendo durante o processo de iniciação, começa lá, quando você entra você é classificado como abiã, quando você se inicia você passa a ser laô e ali vai subindo, vai subindo de cargo até chegar a ser Zelador de Santo que na verdade Zelador é depois que você abre a sua casa até então enquanto você ainda está junto com o seu Zelador de Santo você continua submisso a ele e é classificado como ebômi. São pessoas com obrigação de sete anos. Então são classificados como ebômi. E depois disso você já tem autorização para abrir a sua casa desde que você “tenha” todo fundamento do candomblé todo assentado dentro da sua casa, porque a casa ela é feita e é montada, são plantados os “iariaxes”, plantado os axé, é plantado os quatro cantos, é plantado o mastro central que nós chamamos de “areaxe” é plantado a cumeeira que vai fazer a ligação entre o céu e a terra. Então tem que ter todo esse conjunto pra poder se harmonizar, pra poder abrir a casa pra depois você ser intitulado zelador de santo. Depois de intitulado você começa a iniciar outras pessoas. Hoje eu devo ter mais ou menos, eu tenho filhos espalhados no Brasil, eu tenho filhos de santo no Paraná, filhos em Porto Alegre, a minha mãe teve e tem filho de santo no Japão, são japoneses mesmo entendeu? Então nós temos vários filhos de santo, eu já iniciei bastante filhos de santo, eu já tenho filhos de santo que são zeladores de santo também. (Zelador de Santo. Entrevista I [dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

Questionei como ele adquiriu todo o conhecimento que possui sobre o candomblé. Segundo ele, foi através da leitura e da própria vivência dentro do Candomblé, sendo que as questões do fundamento não estão em livros, porque só é ensinado através da oralidade. De acordo com Santos (2012, p.46): “A doutrina só pode ser compreendida na medida em que ela é vivida através da experiência ritual - analogias, mitos e lendas revividos; o conhecimento só tem significado quando incorporado de modo ativo.”

No decorrer da entrevista foi possível questionar como ocorre a relação entre uma religião que se afirma de tradição oral em uma sociedade pautada na escrita, cujas tecnologias vêm contribuindo para aumento do registro e divulgação de ensinamentos. Percebe-se uma relação intrínseca entre a escrita e a oralidade que se relacionam de diversas maneiras, mesmo dentro de comunidades que se assumem tradicionalmente orais. Como defende Goody (1988) mesmo em sociedades que se afirmam dominadas pela escrita ocorre uma forte relação com a

oralidade. Portanto não há uma forma única de envolvimento e interação, sendo impossível delimitar tal influência. Ainda com relação à importância da manutenção da oralidade como única forma de transmissão do saber, foi fornecido o seguinte depoimento:

Eu acho que há necessidade, tem que continuar oralmente, porque o candomblé, os segredos do candomblé, é lindo, são bonitos... Mas você tem que passar por aquilo... O que eu acho que não é justo, você, por exemplo, o pessoal, porque eu vejo na internet várias situações, vários artigos de zeladores comentando coisas de fundamento que não deveria vazar da porta pra fora do candomblé de jeito nenhum, a não ser para aqueles que lá estão que estão iniciando e estão pra essa jornada. Então eles divulgam muito, só que esses artigos da internet eles não são 100% confiáveis, porque tem muita coisa ali que é bobagem e que não acontece como eles dizem que isso é magia negra, que é cultuar o diabo, que é cultuar os espíritos ruins, aqueles sacrifícios de animais. O sacrifício de animais existe. Isso já existia no tempo em que Jesus estava na Terra que ele pediu que sacrificasse ovelhas pra ele, então, essa premissa já vinha de lá. Então, no Candomblé tem todos esses segredos, eu acho que deviam continuar sendo passados oralmente e de acordo com o que estudamos. Eu sou totalmente contrário de que algumas situações sejam divulgadas agora quanto ao arquétipo de cada Orixá, o que é Orixá, o que esse Orixá rege qual elemento... Isso sem problemas. Eu falo daquele fundamento quando você vai se iniciar, porque quando você se inicia você fica 30 dias, no mínimo 30 dias iniciando. Ah o pessoal fica lá tem o período de clausura, existe sim o período de clausura. (Zelador de Santo. Entrevista I [dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

O entrevistado informa que além de ser contra a divulgação das questões de fundamento, deixa claro aos seus iniciados que o aprendizado deve ser mantido em segredo:

Eu, por exemplo, na minha casa eu sigo a risca o que eu aprendi com meu zelador, eu tive saída de santo na minha casa em outubro, laó estava lá, estava se iniciando, todo ritual que acontecia eu falava: - viu? - ouviu? - cala! só isso que a gente falava. Cala! O que ficou aqui é aqui! Vai sair daqui para seus filhos vindouros, quando você tornar-se um zelador e tiver condições de iniciar alguém. O que eu estou te falando aí você vai passar pro seu filho. E assim a tradição vai passando do avô para os pais, para os netos. E assim que tem que acontecer. Essa divulgação escancarada sobre o Candomblé, sobre as coisas que acontecem, sobre a liturgia, eu acho totalmente errado. (Zelador de Santo. Entrevista I [dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. A entrevista transcrita na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia).

Assim, a experiência é extremamente importante para o processo de aprendizado e iniciação no Candomblé, pois, somente através da experimentação é possível aprender e ter acesso a informação. Tal acesso permite a construção e formação enquanto pessoa; conforme nos aponta Berkenbrock (2007, p. 289): “O objetivo destas etapas é a integração das diversas partes componentes da pessoa”. Ainda segundo Berkenbrock:

A religião do Candomblé não apenas apresenta um ideal como objetivo, como se apresenta também como um caminho concreto, através do qual as pessoas poderão aproximar-se deste ideal. O caminho da iniciação, como todo o comportamento que dele advém, leva o ser humano a unir paulatinamente as forças que nele se encontram. Neste processo de união “constitui-se” a pessoa. Através da experiência religiosa, o ser humano chega mais perto do que é “tornar-se pessoa”: a integração de todos os elementos nele presentes. (BERKENBROCK, 2007, p. 290)

Desta forma, é possível verificar não só a manutenção da tradição da oralidade como sua relação com a sociedade além do reconhecimento de sua importância no processo de formação pessoal. A palavra tem o poder e este só é fornecido a quem tem maturidade e experiência suficiente para a sua compreensão.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do século XIX juntamente com a vinda do povo yorubá, o Candomblé foi sendo constituído no Brasil. Parte da cultura yorubana foi transmitida e absorvida, adquirindo novas possibilidades, ao mesmo tempo em que buscava a manutenção das tradições africanas. Após dois séculos de existência, o Candomblé permanece sendo transmitido oralmente entre as gerações. A fala, a palavra, ainda permanece como principal veículo de manutenção da tradição, colaborando no contínuo processo de reconhecimento e construção da identidade religiosa.

Diferente das religiões que possuem como base a escrita, a palavra, no contexto religioso, adquire poder, uma vez que é carregada de axé, da força vital. Existe enquanto é transmitida e depois passa ao campo da memória, não apenas como uma lembrança, mas com a capacidade de construção do espaço temporal coletivo, deixando seu caráter individualista para se tornar um sentimento comunitário de pertença e união. Neste sentido, os Itans colaboram na transformação da memória individual em memória coletiva, dando sentido a experiência religiosa e seu ritual, contribuindo diretamente para a formação de valores e construção da identidade religiosa no Candomblé.

Durante a entrevista com a mãe de santo e o zelador de santo, foi possível verificar a importância fornecida a palavra, bem como, o significado da manutenção dos ensinamentos através da oralidade. A oportunidade de ser iniciado no Candomblé é vislumbrada pelos fiéis como uma oportunidade de aprendizagem, de acesso ao conhecimento. A experiência é a principal forma de se atingir a sabedoria que é vista como segredo, cujo acesso se faz por meio dos ensinamentos transmitidos oralmente na medida em que é vivenciada enquanto experiência ritual.

Os entrevistados defenderam a manutenção da oralidade e criticaram a postura de alguns membros que registram o conhecimento que deveria ser obtido apenas oralmente. Neste contexto, de exposição e divulgação da palavra através da escrita, a palavra acaba por perder seu valor mágico, seu axé, servindo como

alimento para pessoas que não estão preparadas para ter acesso a esse conhecimento.

Manter a oralidade como principal meio de transmissão, em uma sociedade cercada de informação e divulgação a todo o tempo, principalmente através da tecnologia, é realmente um desafio até mesmo para os fiéis mais tradicionais. Compreender esse processo de interação e delimitar até que ponto essa perda da oralidade como único meio de transmissão seja válido é uma das questões que devem ser respondidas.

Assim pode-se verificar o quanto a transmissão do saber através da oralidade é complexa, sendo que seu uso não se restringe apenas como uma forma de comunicação, mas, como uma cosmovisão, uma posição diante da forma de se relacionar e interpretar o mundo através da vertente religiosa. A palavra precisa ser pensada, amadurecida e guardada para quem merece ouvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

_____ **Candomblé: relações étnico-raciais na escola.** Disponível em: <http://volney-berkenbrock.com/site/index.php?option=com_content&view=category&id=62&Itemid=90>. acesso em 28 nov. 2016.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2005.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Goody, Jack. **Domesticação do pensamento selvagem.** Lisboa: Editorial Presença, 1988.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Campinas: Papyrus, 1998.

POULET, Georges. **O Espaço proustiano.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PRANDI, Reginaldo. Candomblé and the time. Revista **Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.

PREVITALLI, Ivete Miranda. Tradição Oral e Novos Mecanismos de Aprendizado Nos Terreiros de Candomblé. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. **UCSal**. Salvador, BA. 8 a 10 de Outubro de 2014, ISSN 2316-266X, n.3, v.3, p. 70-84.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte: pàdè, àsèsè e o culto Égun na Bahia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

TAVARES, Yuri; RIVAS, Maria Elise. Tradição Oral: O Silêncio da Camarinha, A Fala Do Inconsciente. **Revista Religare**, v. 9, n. 1, p. 72-83, 2013.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África.** São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, v.1, 1982.

Mãe de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. 1 arquivo .mp3 (XX min.)

Zelador de Santo. Entrevista I[dez. 2016]. Entrevistadora: Alice Cristina da Silva. Barbacena, 2016. 1 arquivo .mp3 (XX min.)

Apêndice A

Entrevista Mãe de Santo (MS)

Pesquisadora (P) Alice Cristina da Silva

MS- A diferença da umbanda e do candomblé é o seguinte: Na umbanda são as entidades que dão os passes é as entidades que tratam de você (Os pretos velhos, os caboclos e as crianças) é a inocência das crianças, a sabedoria dos pretos velhos

e a força dos caboclos. Quando se passa pro candomblé você aprende a fazer, então você tem que estudar, você tem que aprender e você tem que se preparar.

P- Então como se estuda para o Candomblé?

MS- Você passa por muitos ensinamentos, por muitos momentos de reclusão, você fica recolhida realmente do mundo e das pessoas. Você tem os recolhimentos pra você passar por uma purificação, pra você passar pelo ensinamento, depois você passar pela sabatina e pra você aprender pra fazer se gasta no mínimo sete anos. Porque é o jogo de búzios aonde você vai identificar o que uma pessoa tem, depois do jogo de búzios você vai ver o que vai fazer pra ajudar essa pessoa pra depois você estar fazendo. Então é uma preparação mais longa.

P- A iniciação foi feita em um terreiro de Candomblé na cidade de Barbacena?

MS- Não, eu fui iniciada em Juiz de Fora. Fiquei reclusa em 21 dias. Fiz a cabeça. Realmente é renascer, mas o que acontece, você abdica de toda e qualquer vaidade. Então não é só raspar a cabeça, você fica, você não tem vaidade com creme, com nada, você só tem aquele sabão neutro, você não tem cabelo, você tem uma simples comida (farta, o candomblé é muito farto, mas tudo muito simples), mas pra te ensinar o que? Ali você aprende muita coisa, você dorme num ambiente, numa “decisa” fininha, mas ali faz você pensar muita coisa, por exemplo, eu estou dormindo nessa “decisa” fina porque eu escolhi assim, mas tem pessoas que estão na rua e vão dormir a vida inteira em um jornal. Eu estou sem o cabelo porque eu escolhi ou então estou fazendo esse sacrifício por conta do meu Orixá mas tem pessoas que estão perdendo o cabelo por doença. Então faz você se colocar no lugar do próximo, então você se torna uma pessoa melhor.

P- Durante esse tempo você só teve contato com o pai de santo?

MS- O pai de santo e as pessoas que estão preparadas para entrar com você.

P- Houve algum acesso a livros, escritos apostila ou foi tudo transmitido de forma oral?

MS- Tudo é oral, você tem um caderno que é passado pra você com as rezas, e é passado os preceitos, o que você pode fazer, depois você tem que ficar um ano sem ir a praia, um ano sem ir a cachoeira, um ano sem ir a piscina, um ano sem ir a bares, sem ir a locais públicos, quer dizer, um ano sem reclusão. Com a vida somente ligada ao orixá.

P- Este caderno você mesmo ia anotando o que era passado?

Sim, você mesmo que tem que escrever.

P- E você resolveu ir por uma questão sua pessoal? Sua mãe que tinha um centro de umbanda também já trabalhava no candomblé?

MS- Eu comecei na umbanda e depois eu tive uma cobrança de estar me aprofundado mais e de poder saber mais pra ajudar mais. Então foi assim que eu fui.

P- Você pretende iniciar novas pessoas?

MS- Eu já iniciei várias pessoas. No dia 12 de novembro teve uma pessoa, que estava doente ela saiu do hospital psiquiátrico ela veio para cá e hoje ela está ótima, por problemas espirituais. E ela ficou reclusa aqui, tomou os remédios normalmente porque a gente não tira, não se faz isso. Hoje, ela diminuiu os remédios de 3 vezes ao dia a médica deu pra ela só meio a noite. Então quer dizer, é uma questão de cobrança na saúde, mas ela está ótima.

P- Então existe o cuidado de se preservar a oralidade nos ensinamentos?

MS- Sim

P- Você tem vontade de registrar o que aprendeu ou você acha que é mais importante quando é traduzido oralmente?

MS- Porque o candomblé é feito de muito segredo, a gente preserva muito esse segredo, isso que estou falando pra você é o que eu posso falar, Mas o encanto, tudo é segredo.

P- Então registrar seria perder esse segredo?

MS- Seria perder... Muitas pessoas às vezes expõem muitas coisas, mas isso não é certo. A gente tem achado muitas coisas na internet, a gente tem achado muitas fotos de coisa que não pode, de coisas sagradas pra gente, muitas pessoas tem se perdido muito aí, entendeu? Mas não se deve. É porque a gente só te dá o que a gente tem. Então você só vai saber o que acontece com 7 anos quando você tiver 7. Você tem que ir se preparando, se você levou 7 anos pra ter quilo ali, porque você vai dar pra uma que tem 1? É realmente uma iniciação e a gente não deve passar os carros na frente dos bois. A gente deve ir aprendendo cada coisa a seu tempo. É a mesma coisa se você quiser que um adolescente de 14 anos tenha o conhecimento de 21 anos. Ele não vai fazer direito, porque ele não tem aquela maturidade. Então a gente faz isso. E tem muita coisa na internet, muita coisa errada, muita distorção, e também acho que por isso a gente tá sendo muito condenado. Da maneira que está sendo mostrado.

P- Porque um leigo não entende o que é mostrado?

MS- Não entende, com relação aos sacrifícios, o que você cria você come, as nossas festas são feitas com os nossos animais, quem nunca criou galinha num terreiro? Antes, e abateu ela pra um almoço de domingo. Ainda mais a gente que vive aqui, em Minas, é muito normal pra gente. Mas está sendo passado de outra forma. E tem a comida dos orixás que tem que ser feito, mas está sendo passado de uma maneira errada. E acaba expondo animais nas encruzilhadas, animais nas ruas, e isso não é certo, não é assim que se faz, não é assim que se procede. Isso são pessoas que não tem o conhecimento e são pessoas que não estão preparadas,

que estão fazendo as coisas erradas; e dá esse tumulto todo. Basicamente mais é essa questão mesmo, da oralidade que eu vou registrar se permanece. Porque a minha intenção é justamente verificar se isso está se modificando ou se ainda existe essa necessidade de se manter o segredo, a preservação. A gente mantém e todo o dia, esses 21 dias que eu fiquei, era muito engraçado, joguei búzios foi pro meu pai. Então eu levei um susto muito grande, porque aí... eu realmente... Ele me falou agora você vai jogar pra mim, pra ver se eu realmente estava preparada, então ele me ensinou, entendeu? E ele me cobrou tipo uma surpresa. E dá por diante ele falou que eu estava pronta.

Mas o candomblé é muito bonito, os orixás são as forças da natureza, esse ano agora vai ser regido por Oxum e Oxossi. A Oxum é a deusa das águas doces e Oxossi é o orixá da fartura e do plantio. É um caçador. Então vai ser um ano farto, mas vai ser um ano que vai passar muito depressa. Mas é um ano de comunicação, é um ano de plantio. Então 2017 vai ser um ano bom, porem, a nossa melhora vai vir em 2018. Mas vai ser um ano de preparação.

Apêndice B

Entrevista Zelador de Santo (ZS)

Pesquisadora (P) Alice Cristina da Silva

ZS- Eu estou no candomblé desde 1978, fui iniciado em 1978, aqui em Barbacena com Jesus do Oxalá, depois quando eu tomei sete anos de obrigação eu já tomei no axé de Bamboxê que é o axé de Savalu, que é uma nação, que é uma das denominações do candomblé, porque são várias, tem Ketu, tem Bossi Alaketu, tem Jeje, Jeje Savalu, Jeje Mahi. Tem a Angola que é a nação mãe do candomblé, e que ocorre, elas foram vindo divididas quando os escravos vieram para o Brasil, nesses navios negreiros, eles trouxeram com eles também os orixás. Então no Brasil, aquela época do império pra você entrar no país você precisava ter passaporte de católico. Ainda não era um país laico. Aí o que ocorria, os negros cultuavam seus

santos, cultuavam seus orixás e para poder disfarçar essa cultuação, eles colocavam em cima de uma mesa os santos católicos, Nossa Senhora da Conceição, Santa Barbara, São Jorge o Guerreiro, e na verdade tampavam tudo porque o que realmente eles cultuavam eram os orixás que estavam ali embaixo. E os grandes senhores de engenho achavam que estavam cultuando os santos da igreja católica e assim começou a infiltrar o candomblé chegando à cidade de Santa Cruz do Estado da Bahia e lá fundou o 1º candomblé foi fundado lá por “Ianzinha” que é uma negra, escrava e que dali veio ramificando as demais nações e veio chegando na Ianzinha, chegou no Joãozinho da Gomeia.

P- Foi a primeira casa de Candomblé em Barbacena que o Senhor se iniciou?

Uma das primeiras, inclusive, o zelador de santo (porque as pessoas denominam pai de santo. Eu, a nossa nação, por exemplo, nós não admitimos pai de santo não, santo não tem pai, nós falamos zeladores). Então o meu zelador que me iniciou já é falecido. Mas eu só iniciei com ele que ele era de Jeje-Nagô, e eu queria expandir mais, queria ter mais conhecimento e Jeje Nagô era muito restrito. Eu precisava de uma coisa bem aberta, eu queria entender porque tudo isso tem que ter uma lógica, aí eu fui para casa de 03'41 no Rio de Janeiro que é Jeje-savalo, aí eu tomei obrigação lá de sete anos, tomei obrigação de 14 anos.

P- Quantos anos o senhor tinha quando começou?

ZS- 18 anos. Eu me iniciei com 18 anos em 1978, sou de 1960.

P- Sua família já era do Candomblé?

ZS- A minha mãe já era espírita umbandista, não era do candomblé, porque a Umbanda na verdade foi fundada no Brasil pelo Caboclo das 7 encruzilhadas em 1908. É uma religião típica brasileira, fundada no Brasil. Mas que não deixou de trazer alguns resquícios da religião africana que se tratava de reencarnação, se tratava da vida após a morte e na verdade é um emaranhado só que foram

“divididos”. Então o Senhor sentiu a necessidade de sair da Umbanda e ir para o Candomblé. Eu tomei obrigação de 25 anos no candomblé são várias obrigações, são várias etapas, você tem que iniciar pra você ter conhecimento.

P- E todo este conhecimento é transmitido oralmente?

ZS- Oralmente, você não tem nada escrito lá, as rezas são todas em yorubá, as cantigas são todas yorubás e isso é um eterno aprendizado que vai aprendendo durante o processo de iniciação, começa lá, quando você entra você é classificado como abiã, quando você se inicia você passa a ser iao e ali vai subindo, vai subindo de cargo até chegar a ser zelador de santo que na verdade zelador é depois que você abre a sua casa até então enquanto você ainda está junto com o seu zelador de santo você continua submisso a ele e é classificado como ebã. São pessoas com obrigação de 7 anos. Então são classificados como ebã. E depois disso você já tem autorização para abrir a sua casa desde que você “esteje” todo fundamento do candomblé todo assentado dentro da sua casa, porque a casa ela é feita e é montada, é plantados os iariaxes, plantado os axé, é plantado os 06’05 é plantado o mastro central que nós chamamos de “areaxe” é plantado a ‘cumieira’ que vai fazer a ligação entre o céu e a terra. Então tem que ter todo esse conjunto pra poder se harmonizar, pra poder abrir a casa pra depois você ser intitulado zelador de santo. Depois de intitulado você começa a iniciar outras pessoas. Hoje eu devo ter mais ou menos, eu tenho filhos espalhados no Brasil, eu tenho filhos de santo no Paraná, filhos em Porto Alegre, a minha mãe teve e tem filho de santo no Japão, são japoneses mesmo entendeu? Então nós temos vários filhos de santo, eu já iniciei bastantes filhos de santo, eu já tenho filhos de santo que são zeladores de santo também. Mas aqui dentro de Barbacena, Candomblé só existem dois: o meu e da ... de lansã.

P- Então as outras casas seriam somente de Umbanda?

ZS- É porque na verdade eles confundiram muito e fizeram uma visão com a umbanda porque na verdade o candomblé, ele cultua as forças da natureza, os elementos da natureza, é isso que o candomblé cultua e o umbandista ele cultua o

que para nós... Nós chamamos de “catiço” e eles lá chamam de preto velho, de caboclo, de boiadeiro, de baiano, então eles cultuam esses espíritos de uma 2ª linha digamos assim e o candomblé é puramente a natureza, com o ar, com o fogo, com a água, e assim por diante.

E o que aconteceu em Barbacena, eu tenho 2 zeladores que foram iniciados por mim, foram feitos por mim e que tem a casa deles mas eles cultuam o preto velho, o caboclo. Quando eles precisam e sentem a necessidade de cultuar os orixás eles vão na minha casa para fazer isso, porque a estrutura do Candomblé, tem que ser uma estrutura, tem toda uma estrutura pra fazer. Então você precisa de espaço, precisa que isso seja feito somente naquele local, as liturgias só podem acontecer ali e essas pessoas que vem da umbanda eles podem atender, eles podem chegar aqui nessa sala e atender, não tem problema. Candomblecista não pode, não existe nada que dê sustentação para você fazer alguma coisa, porque você para ajudar você tem que ter conhecimento né, você não pode dar aquilo que você não tem, então o candomblé veio chegando no Brasil e ele foi aumentando, ele ficou muito forte no Nordeste, depois ele veio se fortalecendo muito mais no RJ. O candomblé no Rio de Janeiro é muito forte. Conheço o “gantuá”, conheci a menininha do Gantua” a peça chave para o candomblé. Mas ela perdeu muito essa essência, porque eles levaram muito pro lado comercial, tudo no candomblé é muito caro, as roupas são caras, é tudo muito luxuoso. A minha mulher costuma dizer que o candomblé é uma religião de gente rica porque é dispendioso mesmo, tá certo. Só q isso aí eu falo pra ela q isso aí é uma visão errada não é bem assim ele exige muitas coisas muitos fundamentos utiliza muito material para trabalhar exatamente para aproximar você dessa força da natureza e blindar você de qualquer coisa mal, qualquer pessoa que lhe deseje o mal, que tenha olho grande e não quer o seu sucesso, Candomblé e suas obrigações são pra te brindar. Então veio e o Candomblé veio descendo pro RJ e ficou muito forte no RJ e é forte no RJ. Aí veio dividindo, no nordeste houve uma outra linha que veio para o catimbó, umbanda bem angoleira que puxa muito para espíritos de malandro, Zé Pelintra, espíritos de cigano, isso lá no catimbó no Nordeste aí foi fazendo essa difusão foi separando aquela essência que veio da África pura quando foi fundado o primeiro Candomblé Ilê Apo Afonxá que era Ilê do santo de Xango que era o dono dessa casa, depois veio as outras zeladoras até chegar na mãe menininha, e na mãe menininha veio

passando pra filha dela hj o cantua está na mão da filha dela e depois veio difundido aí veio fazendo essa subdivisão que o cantua é ketu aí veio descendo aí surgiu Jeje, Jeje Nago, Savalin, foi subdividindo essas nações.

P- Esse conhecimento todo que o senhor tem o senhor foi lendo a respeito foi vivenciando foi estudando?

ZS- Foi lendo, foi vivenciando, porque aquelas questões que nós chamamos de fundamento é como eu já te dito antes não está em livro nada é escrito tudo é aprendido oralmente.

P- E o senhor acha que é importante manter essa tradição oralmente? Porque eu vejo divulgação na internet de forma escrita. O que o senhor acha disso?

ZS- Eu acho que há necessidade tem que continuar oralmente porque o candomblé, os segredos do candomblé são lindos, são bonitos, mas você tem que passar por aquilo, o que eu acho que não é justo, você por exemplo, o pessoal, porque eu vejo ai na internet eu vejo várias situações vários artigos, zeladores comentando coisas de fundamento que não deveriam vazar pra portas pra fora do candomblé de jeito nenhum a não ser para aqueles que lá estão que estão iniciando e estão pra essa jornada então eles divulgam muito só que esses artigos da internet eles não são 100% confiáveis porque tem muita coisa ali que é bobagem e que não acontece como eles dizem que isso é magia negra que é cultuar o diabo que é cultuar os espíritos ruins aqueles sacrifícios de animais. O sacrifício de animais existe, isso já existia no tempo em que Jesus estava na Terra que ele pediu que sacrificasse ovelhas pra ele então essa premissa já vinha de lá. Então no Candomblé tem todos esses segredos, eu acho que deviam continuar sendo passados oralmente e de acordo com o que estudamos. Eu sou totalmente contrario de que algumas situações sejam divulgadas agora quanto ao arquétipo de cada orixá, o que é orixá, o que esse orixá rege qual elemento. Isso sem problema. Eu falo daquele fundamento quando você vai se iniciar, porque quando você se inicia você fica 30

dias no mínimo 30 iniciando. Ah o pessoal fica lá tem o período de clausura, existe sim o período de clausura.

P- Nesse período o senhor teve acesso somente ao Zelador?

ZS- Só o zelador e as equetes que são as pessoas que auxiliam, porque quando você está enclausurado, vamos falar assim, você tem reza de hora marcada, sua alimentação é com hora marcada, você não pode sair pra rua, você não pode sair daquele local. O pessoal fala assim, ah fica preso lá dentro de um cômodo. Não, não é nada disso. Você fica dentro do Candomblé, dentro das limitações do Candomblé.

P- O Senhor fazia anotações num caderno?

ZS- Fazia anotação, mas não divulga, a gente não repassa de forma nenhuma inclusive é proibido repassar. Só que isso ai acabou vazando, se você pegar la na internet você vê muita coisa lá que não deveriam estar ali de jeito nenhum.

P- Em meus estudos pude perceber que o Candomblé preserva muito a palavra, a palavra tem muita força.

ZS- Sim tem a palavra tem muita força dentro do candomblé

P- Principalmente quando é a palavra falada por isso a preocupação em não escrever

ZS- Sim, exatamente. Vai ter que admitir que está mudando, como mesmo você acentuou com a modernidade acaba vazando muita coisa. Eu por exemplo na minha casa eu sigo a risca o que eu aprendi com meu zelador, eu tive saída de santo na minha casa em outubro, laõ tava, lá tava se iniciando, todo ritual que acontecia eu falava viu? Ouviu? Cala! Só isso que a gente falava. Cala o que ficou aqui é aqui, vai sair daqui para seus filhos vindouros, quando você tornar-se um zelador e tiver condições de iniciar alguém o que eu estou te falando aí você vai passar pro seu filho. E assim a tradição vai passando do avô para os pais, para os netos e assim

que tem que acontecer. Essa divulgação escancarada sobre o Candomblé sobre as coisas que acontecem sobre a liturgia eu acho totalmente errado.

P- O senhor acha que acaba reforçando o preconceito?

ZS- Reforça, expõe para pessoas que não estão preparadas para atender

O candomblé é isso, Eu estou no candomblé

Eu, uma vez, fazendo uma audiência aqui em Barbacena, o Juiz chegou em Barbacena para ser titular e assim na cabeceira tinha uma imagem de cristo e logo que ele chegou ele tirou aquela imagem de Cristo lá e colocou um outro quadro lá de um pintor famoso e deixou lá e isso ofendeu um dos meus colegas advogados falou: - Você viu lá o que aconteceu? o Juiz tirou a imagem pra colocar um quadro. Eu falei- Mas qual que é o problema? Ele deve ter as razões dele né. Muito curioso a gente acabou perguntando pro juiz ele respondeu: - Nós estamos num país laico então aquela imagem ali pode ofender pessoas que aqui adentram pessoas que vem para audiência, porque vêm pessoas candomblecistas, espíritas, crentes, ateus, vem tudo. Então eu não posso admitir, primeiro que eu não confesso religião nenhuma na verdade. Então eu tirei exatamente pra não ofender, questão religiosa deve ser tratada dentro da sua sede, que é assim a melhor religião do mundo é aquela que te faz bem. Então são coisas que não dá pra discutir. Eu não posso abrir uma discussão com você com relação ao seu credo religioso se eu, nada, conheço dele e vice-versa, então eu acho que tudo deve ser baseado no respeito mútuo, a religião tem que ser assim

Porque para mim, desde os 14 anos eu estou no candomblé, só tive sucesso na minha vida só continuo tendo sucesso na minha vida. Tenho 3 filhas maravilhosas elas não sabe o que é hospital, médico, elas não sabem nada disso. A exceção daquelas consultas de criança de pediatra que tem que ir fazer todo aquele acompanhamento, mas falar pra você: - ah sua filha ficou doente e foi parar no hospital! Nunca tive esse problema, nunca tive problema com as minhas filhas, com bebida com droga, com nada disso, tenho duas filhas uma forma em direito agora, a outra é arquiteta mora no Rio de Janeiro e a da segunda união é a... tem 6 anos. Então eu estou bem continua me fazendo bem. Esse é o papel da religião porque eu acho que a religião ela equilibra, ela equilibra a sociedade de certa forma, porque ela

prega alguns ensinamentos que você vai guardando e aplica na vida real, então o Candomblé, acho maravilhoso a cultuação da força da natureza, nós colocamos comida no pé do santo... Ah mas santo não come... Nós sabemos que santo não come, nós sabemos que a essência daquilo é o que o orixá capta e ele capta aquilo em prol do que você está pedindo para ele, saúde, paz, proteção, caminho aberto, trabalho, basicamente é isso que o ser humano precisa.